



Comunicação oral: Eixo 4 – Educação Brasileira: Recortes

A INSTRUÇÃO PRIMÁRIA MARANHENSE NA PRIMEIRA REPÚBLICA REGISTRADA EM CRÔNICAS MEMORIAIS DA OBRA CAZUZA, LITERATURA INFANTOJUVENIL DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Ezequiel Leite da Silva – UEMA*
Rosângela Silva Oliveira - UEMA/Campus-Bacabal**

Resumo: Esta pesquisa apresenta resultados parciais de uma pesquisa vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Estadual do Maranhão com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão. Esta pesquisa pretende investigar nas crônicas escritas pelo escritor maranhense Viriato Corrêa, características da instrução pública no estado do Maranhão nas primeiras décadas republicanas pelas histórias narradas na obra. Os objetivos voltaram-se para identificar a forma da organização escolar maranhense para a instrução primária tanto na zona rural como na zona urbana, distinguindo o pensamento pedagógica de ensino predominante. O percurso metodológico escolhido para esta pesquisa bibliográfica e documental foi a técnica de conteúdo por favorecer a eficaz análise relacional e a interpretação de informações das crônicas memoriais descritas. A pesquisa está em desenvolvimento, e encontra-se na fase de tabulação e análise dos dados coletados após leitura minuciosa das crônicas.

Palavras-chave: História da Educação do Maranhão. Crônicas Memoriais. Escola Primária.

Introdução

Este trabalho contém informações sobre por uma pesquisa desenvolvida com vistas à análise de crônicas memórias sobre a instrução primária no Estado do Maranhão no início da primeira República. A pesquisa que tem o título “A instrução primária maranhense na Primeira República registrada em crônicas memoriais da obra *Cazuza*, literatura infantojuvenil do início do século XX”, está vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), com apoio do Fundo de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA).

Esta investigação procura nas crônicas da obra *Cazuza*, escrita pelo maranhense Viriato Corrêa, identificar sinais da organização escolar exaradas no Regulamento do Ensino Primário para execução da Lei Estadual 56 de 15 de maio de 1893 que distingue a instrução

* Graduando em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

**Profa. Dra. em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Docente do Centro de Estudos Superiores de Bacabal/CESB-UEMA. Orientadora da pesquisa.



primária da zona rural e urbana em Escola Elementar para Villas e Povoações e Escola Integral nas cidades (MARANHÃO, 1893)

Ao estudar fatos históricos sobre a instrução maranhense nos primeiros anos republicanos, percebeu-se em documentos oficiais novas orientações pedagógicas marcadas pelas ideias de extinguir as aulas régias existentes e implantar a organização escolar republicana. Estes documentos oficiais, sob a forma de Regulamentos, foram redigidos por um Conselho Superior de Instrução Pública, composto por professores comissionados para este fim, presidido pelo Inspector Geral da Instrução Pública do Maranhão, mas submetido à aprovação do governador do Estado (OLIVEIRA, 2004).

Contextualizando, os primeiros anos republicanos a instrução primária maranhense, secundarizada em favor de outras ações políticas, ficava em evidencia especialmente quando havia desviar a atenção pública de conflitos e injustiças sociais.

Com a maioria da população analfabeta, apesar da oferta pública de aulas ou cadeiras sem condições estruturais mínimas para ação educativa, aumentou a demanda popular pela escolarização, intensificada nos discursos políticos do palco legislativo e jornais com circulação local, iluminados pelo republicanismo. Estratégias políticas como abrir cadeiras de primárias letras que ofereciam cursos temporários de alfabetização para adultos, foram estimulados tanto na capital e como no interior maranhense (OLIVEIRA, 2004).

Deste contexto histórico são publicadas as crônicas memoriais de *Cazuza*, sob a forma de literatura infantojuvenil pelo jornalista e político maranhense Viriato Corrêa.

Realizar uma leitura minuciosa desta obra, relacionando coma legislação e relatórios da instrução pública do Maranhão neste período, foi o fio condutor desta pesquisa bibliográfica e documental que procurou identificar nas crônicas memoriais, sinais da forma de organização, funcionamento e práticas de ensino primário vivenciados por infantes no limiar republicano.

A análise das crônicas e o respectivo saber histórico construído nesta pesquisa considerou que história não se faz apenas com o testemunho de documentos oficiais, mas que pode contar com a análise de registros da memória coletiva em suas práticas culturais (CERTEAU, 1982; 1994).

Metodologia

Esta pesquisa de caráter bibliográfica e documental, está em desenvolvimento à luz do método dialético (CERTAU, 1982) com a técnica metodológica Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) que favorece a análise relacional e qualitativa de fatos históricos e a interpretação das informações descritas nas crônicas memoriais em estudo. Considerou-se também nas análises dos conteúdos, como advertiu Certeau (1982), que independentemente



da posição de um autor em relação às suas produções, elas apontam sinais de distintos olhares, intencionalidades e movimentos sociais da sua época.

As crônicas da obra *Cazuza*, o objeto de estudo desta pesquisa, foram organizadas e publicadas pelo escritor maranhense Manuel Viriato Corrêa Baima do Lago Filho, conhecido popularmente como Viriato Corrêa, entre dezembro de 1936 a junho de 1937 pela editora paulista Companhia Editora Nacional. Porém, a leitura para esta pesquisa foi realizada na 41ª edição publicada em 2022 pela mesma editora. Esta obra foi distribuída em três partes, na primeira refere-se às memoriais do infante maranhense sobre seus primeiros dias de aula em uma escola simples do povoado da cidade, na segunda parte sobre a escola da vila e, na terceira parte, sobre o cotidiano da escola da cidade.

Na primeira etapa desta pesquisa, pesquisou-se referenciais teóricos e os documentos oficiais publicados no Estado do Maranhão. Os documentos citados nesta pesquisa foram pesquisados na seção de Obras Raras da Biblioteca Pública Benedito Leite, localizado no centro da cidade de São Luís-MA. Nesta etapa foram realizadas leituras do material encontrado, escolhido e lido dos documentos oficiais que poderiam ser analisados e inseridos no texto da pesquisa. Na segunda fase, ocorreu a exploração do material encontrado (que ainda entra-se em desenvolvimento) e a categorização das unidades de registro como as memórias sobre a escola do povoado, a escola da vila e a da cidade, presentes na obra *Cazuza*.

O tratamento dos dados e respectivas interpretações estão sendo feitos por meio de deduções e inferências controladas (BARDIN, 2017), apoiadas em Relatórios e Regulamentos oficiais do governo maranhense do período respectivo, os diálogos do agente emissor, a mensagem propriamente dita, as intencionalidades e forma de como foi organizado o texto. Esta pesquisa que iniciou em setembro/2021 está prevista para ser encerrada em agosto/2022. Até agora foram realizadas as seguintes atividades:

- Organização da rotina de estudos e planejamento de atividades;
- Reuniões semanais para estudos teóricos sobre o objeto de estudo;
- Leituras individuais e coletiva da obra em estudo;
- Reuniões quinzenais para avaliação das atividades executadas;
- Elaboração dos instrumentos para a coleta de dados para análise de conteúdo;
- Tabulação e análise dos dados coletados (em desenvolvimento);

A leitura reflexiva da obra *Cazuza* traz memoriais de um infante maranhense sobre uma trajetória e aponta sinais de como ocorriam a organização pedagógica e escolar na instrução primária nos primeiros anos republicanos no Estado do Maranhão. A socialização destas



informações é útil para o magistério porque exemplifica situações reais do processo ensino-aprendizagem de um contexto social da educação no Brasil.

Resultado e discussão

A obra *Cazuza* traz histórias em forma de crônicas memoriais de um infante maranhense em seus primários anos escolares. Aponta suas expectativas, experiências, frustrações e desafios ao enfrentar o processo ensino-aprendizagem na instrução da escola do povoado, escola da vila e escola da cidades, seu percurso educativo.

No prologo desta obra o autor Viriato Corrêa não chama para si a autoria das crônicas memoriais. Ele as descreveu como memórias do tempo e mino que as recebeu de um sujeito alto, cerca, quarentão e conhecido popularmente como *Cazuza*. Logo, como a primeira pulsão desta singular literatura maranhense ocorreu entre dezembro de 1936 e junho de 1937, infere-se que são lembranças de fatos que ocorreram entre a primeira e segunda década republicana.

Há quem diga que estas crônicas com autoria cedida ao codinome *Cazuza* são de autoria do próprio Viriato Corrêa cuja trajetória de vida se assemelha ao personagem central desta obra, ou seja, nasceu em uma vila maranhense no final de período imperial brasileiro, ainda criança deixou sua paternal para fazer o curso primário e secundário e sofreu severas críticas literárias com a publicação de seu primeiro conto *Minarettes*, publicado em 188 páginas em 1902 pela Typogravura Teixeira localizada na cidade de São Luis-MA. Entretanto, nesta pesquisa, não foi possível comprovar se o codinome *Cazuza* foi um apelido criado para proteger Viriato Corrêa como autor e, com isso, deixá-lo livre para expor seu olhar crítico sobre a instrução primaria maranhense e as agruras mazelas de sua experiência educativa.

Sobre o autor da obra

Manuel Viriato Corrêa do Lago Filho (Viriato Corrêa), nasceu em Pirabemas, uma vila do interior no Estado do Maranhão. Nasceu em 23 de janeiro 1884, filho de Manuel Viriato Correia Baima e de Raimunda Silva Baima, família de médio padrão social na zona rural maranhense. Foi aluno do Colégio São Luís e posteriormente do Liceu Maranhense para estudos primários e secundários respectivamente. Em Recife-PE ingressou no Curso de Direito cursando ali apenas três anos e transferiu-se para Faculdade Nacional de Direito na cidade do rio de Janeiro onde terminou o curso superior.

Foi advogado, jornalista teatrólogo, escritor e político. Elegeu-se como Deputado Estadual do Maranhão em 1911 e como Deputado Federal pelo Maranhão em 1927. Afastou-se da política



partidária depois de ter sido preso pela revolução getulista em 1930 quando passou a dedicar mais tempo a escrever contos, crônicas e peças teatrais. Em 1938 foi aceito como membro da Academia Brasileira de Letras e passou o resto de seus dias vivendo intensamente a arte de escrever. Faleceu no Rio em 10 de abril 1967 com 83 anos.

Dentre as obras do autor, destacou-se interesse pela literatura infantojuvenil *Cazuza* por referir-se ao contexto sociopolítico e educativo maranhense nos primeiros anos republicanos com informações sobre experiências escolares de uma criança tanto na zona rural como na zona urbana. Essa obra traz um conjunto de crônicas memoriais que, segundo Viriato Corrêa, recebera esses manuscritos de um vizinho com o título original “História verdadeira de um menino de escola” (CORRÊA, 2002).

Sobre a obra em estudo

A análise do livro *Cazuza*, está sendo realizada em sua 41ª edição publicada pela editora Companhia Editora Nacional em 2002. Seu autor, informou ainda no prólogo que recebera certos manuscritos nos meados da década de 20 do século XX, e pelas informações ali contidas infere-se que as memoriais narradas ocorreram entre o final do período imperial e início do período republicano. Os manuscritos fora, ilustrados pelo carioca Renato Silva (1904-1981) renomado ilustrador de revistas e livros didáticos, e publicados pela primeira vez na cidade do Rio de Janeiro entre dezembro de 1936 a junho de 1937.

Esta literatura infantojuvenil foi dedicada a um poeta pernambucano, político e amigo de Viriato Corrêa, chamado Olegário Mariano Carneiro da Cunha, conhecido popularmente como Olegário Mariano, primo do poeta Manuel Bandeira, filho de José Mariano Carneiro da Cunha um herói pró-abolicionista e pró-republicano, também, foi inspetor de ensino e censor de teatro.

As crônicas memoriais foram escritas em 188 páginas, separadas em três partes. Na parte I estão 21 crônicas: As calcinhas; minha terra, minha casa e minha gente; figuras do povoado; tia Mariquinhas; A contadeira de história; o primeiro dia; Pinguinho; A escola; passem todos para o “bolo”; aprisionando passarinhos; o “jantar de cachorro”; o dia de calundu; o velo Miringido; A aposta de escrita; na lagoa; cantadores de viola; o Pata-choca; A sabatina de tabuada; o médico do “gaiola”; na roça do Lourenço; a partida. Na parte II estão 20 crônicas: a escola da vila; gente grande e gente miúda; os meus amiguinhos; o rico e o pobre; o sapato ferrado e a sandália; de veludo; o circo de cavalinhos; Antonico; o padre Zacarias; a cabra pedrês; a latinha de merenda; o vendedor de chinelas; os que vivem nas alturas; minha irmã Zizi; dentro da mata; a vaquejada; o voluntário do Paraguai; o prisioneiro paraguaio; o aniversário da diretora; fortes e fracos; o apito do “gaiola”. E na parte III estão 20 crônicas: a cidade; o palhaço; o bicho brabo; o professor João Cância; o Vilares, o Bonifácio e o



Gonçalves; o Fagundes; e o Espalha-brasas; que é pátria; que é Brasil; o Veloso; a história de Luis Gama; o leilão; a velha Cecé; o pantalão; a obra dos brasileiros; o burro; o empate; o desempate; as duas mães; homenzinho.

Esta obra traz linguagem coloquial com ilustrações que estimulam uma literatura rápida, estimulante e compreensível pois como diz Viriato Corrêa é profundamente infantil e profundamente brasileira (CORRÊA, p. 12, 2002).

A instrução primária maranhense em Cazuza

A história sobre a educação maranhense nas primeiras décadas repúblicas ainda é pouca discutida e pouco investigada no meio acadêmico e a maioria dos registros existentes estão em relatórios oficiais que são escassos. Com isso, para obter informações sobre a instrução no estado, esta pesquisa houve a necessidade de interrogar fragmentos das crônicas memórias da obra *Cazuza*, um estudante primário que frequentou diferentes escolas durante sua jornada escolar na Primeira República. Com essa análise, Le Goof (2003) afirma que o homem não pode reduzir a história como uma simples ciência do passado, mas deve representá-la como uma ciência que transporta o homem do presente para o passado real.

Assim, com riqueza de detalhes as crônicas de *Cazuza* são narradas costumes comunitários escolar, entraves para acessar a instrução primária, práticas de ensino e de aprendizagem com respectivos recursos didáticos nas três escolas em que passou, ou seja, na escola do povoado, escola da vila, e na escola da cidade.

A escola do povoado

Inicialmente o personagem Cazuza ingressou cedo na escola do povoado. Dois motivos estimularam o desejo de frequentar o ambiente escolar: vestira calças masculinas e participar da festa da palmatoria com seus colegas e amigos da pequena povoação.

Cazuza, como qualquer outra criança queria crescer e exercer atividades de gente grande. Por isso o desejo de deixar os vestidinhos bordados e ir à escola. Oliveira (2004), configura que até meados da década de 40 no Estado do Maranhão no século XX, era costume local os meninos usarem vestidos unissex até os cinco anos de idade. “Não me lembro qual a minha idade quando ficou decidido que, no dia seguinte, eu entraria para a escola. Mas eu deveria ser muito e muito pequeno. Tão pequenino que não pronunciava direito as palavras e ainda chupava o dedo e vestia roupinhas de menina (CORRÊA, p. 13, 2002).

Por meio da narração da crônica “As calcinhas” foi possível analisar detalhes simples do cotidiano de uma escola isolada no interior do estado, em especial aos mecânicos e meios didáticos usados nela, como por exemplo a palmatória. Cazuza identifica a palmatória como a “tirana”, “malvada”, “danada” e “bandida”. Contudo, o fascínio de entrar na escola se deu



quando Cazuzza visitou pela primeira vez a festa da palmatória, que ocorria no último dia letivo do ano escolar. Esse momento de alegria e festividade os estudantes enfeitavam com fitas à palmatória e festejava a sua simbólica morte.

As escolas antigamente não tinham, às vezes, mobiliário que prestasse, material de ensino que servisse, professores que cuidassem das lições, mas..uma palmatória, rija, feita de boa madeira, não havia escola que não tivesse. [...] A menina vingava-se dela no fim do ano, fazendo festa gaiata, com algazarra e cantoria. [...] O aluno mais velho tirava a palmatória do prego, amarrava-a num cabo de vassoura e empunhava-o como se empunha um estandarte. As crianças formavam, então, duas a duas, e saíam em passeata nas ruas da povoação ou vila gritando e pulando. No começo uma ladainha triste, cantada em corço, a chorar a morte da palmatória. Depois as emboladas, os desafios, as cantigas alegres do sertão (CORRÊA, p. 14-15, 2002).

Inicialmente a instrução de Cazuzza deu-se no seio familiar, com mensagens moralizantes em situações do dia a dia. Essas aprendizagens se desenvolvia por meio de lições orais e práticas simples ensinadas com reflexões contextualizadas para consolidar o ensino permanente.

As aprendizagens dos infantis ocorriam de forma natural e livre, em meio a lições dialíticas e experimentais. E se tornavam permanentes porque as mensagens eram internalizadas e assimiladas numa rede de associação com os conhecimentos pré-existente. Nos momentos de instrução não se aplicavam nem força nem violência física ou simbólica, mas estimulavam percepção e compressão atreves de processos mentais conscientes sobre o fenômeno ocorrido. Nessa perspectiva da realidade, Freire (2002) aponta que só existe aprendizagem no diálogo, na invenção, na reinvenção, e na representação simples do mundo real.

Encontra partida, as lembranças de Cazuzza na escola do povoado remetem outra forma de instrução, a instrução formal. Devido ao contexto imperial deixado no final do século XIX, a maioria das escolas isoladas nos interiores dos estados não eram para meninas. Era um ambiente só para meninos. Professor e alunos, todos do sexo masculino. Diferente do ensino empírico cultural aprendido fora da escola, nesse novo ambiente um novo meio disciplinar surgiu na vida de Cazuzza: o bolo. Na escola aplicava-se repreensões e castigos físicos por meio da palmatória.

A escola ficava no fim da rua, num casebre de palha [...]

A minha decepção começou logo que entrei.

Eu tinha visto aquela sala num dia de festa, ressoando pelas vibrações de cantos, com bandeirinhas tremulantes, ramos e flores sobre a mesa. Agora ela se me apresentava tal qual era: as paredes nuas, cor de barro, sem coisa alguma que me alegrasse a vista.

Durante minutos fiquei zozzo, como a duvidar de aquela fosse a casa que eu tanto desejara. E o meus olhinhos inquietos percorriam os cantos da sala, à procura de qualquer coisa que me consolasse. Nada. As paredes sem caiação, a mobília polida de preto – tudo grave, sombrio e feio, como se a intenção ali fosse entristecer a gene. (CORRÊA, p. 28, 2002).

Pela análise de conteúdo, o ambiente escolar dessa localidade parecia não receber cuidados em manutenções e nem atenção social para processo civilizador. Cazuzza aprendeu na rotina diária que na escola do povoado a única fonte de diálogo ou informação necessária era com o professor, detentor de todo conhecimento, e com as lições sobre ler, escrever e fazer decorar cálculos matemáticos (MELLO, 2012). Viriato Corrêa, descreve perfeitamente a precariedade estruturante das escolas instaladas nas povoações, devido à falta de investimentos financeiros do Estado na instrução pública. “As paredes furadas pareciam respiradores de formigueiro. Cada buraco tinha seu dono e, quando alguém, por engano ou brincadeira, usava o alheio, o protesto surgia infalivelmente” (2002, p. 33)

Na mediação pedagógica do professor nesta escola, Cazuzza descreve que o professor João Ricardo sempre ficava de cara fechada, recebendo a benção de todos os alunos que chegavam à escola. Ficava a observar, com a palmatória em mãos, os quarenta ou cinquenta alunos exigindo silêncio e disciplina na sala de aula. Nesse ambiente sombrio e desmotivante existia apenas um quadro negro e as lições velhas para os exercícios diários.

Cazuzza, nessa escola aprendia a escrever, por meio de exercício repetitivo de escrita, e a posteriormente, de forma coletiva, prestava lição de leitura ao professor. O estudo de lição era manifestada da seguinte forma:

O “estudo” era gritado, berrado. Cantava-se a lição o mais alto que se podia, numa toada enfadonha.

Um inferno apela barulheira. Trinta, quarenta, cinquenta meninos gritando coisas diferentes, cada qual esforçando-se em berrar mais alto. E quando, cansados, íamos diminuindo a voz, o professor reclamava energicamente, da sua cadeira:

- Estudem!

E a algazarra recrudescia (CORRÊA, p. 34, 2002).

Este estilo pedagógico fez muitos meninos desistirem da escola. Outro fator que diminuía a frequência de matrículas era o fato de muitas crianças morarem alguns quilômetros dos povoados onde havia escola, o que cooperava com a evasão escolar no início do século XX (OLIVEIRA, 2004). O Regulamento do Ensino Primário, publicado em 1893, em seu Art. 6º estabeleceu que “ A escola de sexo masculino, que não for frequentada por tanta alunos, pelo menos, será extinta” (MARANHÃO, 1893).

Em relação as práticas de ensino nesta escola da povoação, o ensino de treinar a escrita era a “aposta de escrita”. O professor colocava os alunos em pares para competirem entre si escrevendo o trecho de um prosa. Vencia aquele que terminasse primeiro com a letra mais bonita. O prêmio para quem ganhava era receber a palmatória e aplicar uma dúzia de “bolos” no colega que perdeu.



Já em consonância ao ensino de matemática, a prática aplicada era a “sabatina da tabuada”. O professor chamava quinze, vinte, trinta alunos, colocando-os em pé em fila, e fazia perguntas. A resposta devia ser dada imediatamente pelos alunos, e se aluno não respondia acertadamente, o professor, com rapidez, passava ao segundo, ao terceiro, ao quarto, e assim por diante. Quem acertava buscava a palmatória que fica posta em cima da grande mesa do professor e dava um “bolo” em cada companheiro. Ressalta-se que, a prática de castigos e repreensões físicas eram aceitas pelos pais que, ingenuamente, acertavam que essa era forma correta de dar instrução mural e intelectual aos seus filhos.

Cazuza, permaneceu na escola do povoado dois anos e meio. Seus pais estavam com dificuldades financeiras e por isso iriam se mudar para outra localidade – vila do Coroatá. Porém, as experiências vividas pelo aluno nesta primeira escola o deixou com anseios de melhorias de instrução em outro lugar. A escola do povoado era sombria, triste, fechada, adulta e impiedosa. O ensino era ministrado pela força e grosseria, inibindo a liberdade criativa das crianças que frequentava esse ambiente escolar. Não havia um relação afetiva entre professor-aluno, há não ser nas lições escolares.

A escola da Vila

Ao se mudar para a vila, vila do Coroatá, Cazuza sentiu-se deslumbrado com a nova escola que encontrou nessa localidade tão pacata. Para Cazuza “a escola da vila era diferente da escolinha da povoação como o dia é da noite” (CORRÊA, p. 76, 2002). Essa diferença dava-se nas primeiras impressões em relação às instalações físicas das escolas. Segundo os registros de Viriato Corrêa, a escola do povoado funcionava num casebre de péssimas condições coberto de palha tendo unicamente uma sala para todos alunos. Diferente dessa realidade, a escola da vila funcionava em um velho casarão que disponibilizava de vastas salas e, por consequência, havia uma divisão escolar seriada na destruição dos alunos.

Dissemelhante da organização escolar da primeira escola, onde havia apenas um professor que lecionava as aulas, nesta segunda havia uma organização pedagógica assim distribuída: uma diretora, Dona Janoca; duas auxiliares, prestando ajuda pedagógica nos afazeres escolares diários, que eram Rosinha e Nenén, irmãs da diretora local; e professores na predominância da figura feminina. Segundo o Regulamento de 15 de maio 1893, publicado no Maranhão, o ensino primário poderia ser lecionado por professor de ambos os sexos desde que tivesse a titulação de professores normalista.

A escola do povoado, mais tradicional e isolada, era gerenciada por apenas uma pessoa na personalidade masculina. Essa predominância da figura masculina nas escolas foi uma tradição deixada pela instrução jesuítica até o final do século XIX. Conforme Lombardi, Saviani e Nascimento (2005, p. 125), a realidade escolar republicana em criar escolas mista (com



alunos do sexo masculino e feminino) só era cumprida nas vilas e cidades, mas no meio rural, devido as muitas dificuldades a escola era entregue a um só professor. Porém, na vila do Coroatá, percebe-se a presença e predominância feminina na educação, crescimento ocasionado pelas aberturas de escolas para formação de professores.

o surgimento de escolas de formação de professoras, já nos finais de oitocentos viu surgir o interesse feminino por essa profissão. As mulheres em 1910 já se encontravam em maioria no ensino primário (52,2%) e em 1931 representam 70% da classe docente (LOMBARDI, SAVIANI e NASCIMENTO, p. 126, 2005)

Conforme o regulamento de 13 de abril de 1890 no Maranhão, sobre a criação da Escola Normal, criou-se treinamentos pedagógicos na Capital de São Luís, para instruir e formar professores habilitados para o ensino primário. Sendo assim, fazendo uma relação com as crônicas de Cazuzá, ele relembra que a diretora Janoca viera da capital, onde aprendeu a ensinar crianças, com a finalidade de gerenciar a escola na pequena e humilde localidade. Instruída pedagogicamente Dona Janoca, a diretora, recebe Cazuzá com carinho com quem recebe um filho (CORRÊA, p. 75, 2002). Cazuzá sentiu-se muito alegre nesse vilarejo, pois vinha de uma realidade muito diferente a esta. Enquanto a escola do povoado tinha um rigor muito grande, com professor excessivamente exigente e duro, a nova concepção de escola tornou-se um alívio para o pequeno personagem.

No capítulo intitulado “A escola da vila”, Viriato Corrêa destaca o vislumbre de Cazuzá ao comportamento da diretora, que em vez de se preocupar em obter alunos sentados, calados e oprimidos pelo medo, se preocupava amorosamente com todo o segmento escolar (alunos, professores, servidores e família).

Em continuidade aos relatos, nota-se outra diferença entre a primeira e segunda escola no requisito de funcionamento e organização. Metaforicamente, Viriato Corrêa escreve que Dona Janoca resolveu reformar a escola, essa reforma tem um sentido simbólico a reforma de ensino propagado pelo governo nos anos republicanos. A reforma da escola tem importância no enredo da instrução pública republicana, pois enquanto na escola do povoado mal havia cadeiras e um quadro negro, na escola da vila do Coroatá “as paredes por si sós, faziam delícias da pequenada. De alto a baixo uma infinidade de quadros, bandeiras, mapas, fotografias, e figuras recortadas de revistas, retratos de grandes homens, coleções de insetos, vistas de cidades, cantos e cantinhos do Brasil e do mundo (CORRÊA, p. 77, 2002).

As figuras, gravuras e mapas disponibilizados aos alunos despertaram em Cazuzá um encantamento inigualável à instrução. Muitas vezes ele deixava de brincar para poder ficar revendo paisagens por paisagem, os mapas, e tudo que estava exposto às crianças (CORRÊA, p. 77, 2002). As professoras utilizavam esses recursos didáticos para ensinarem aos alunos sobre o valor das coisas partindo de coisas simples. O método lições da coisas,



foi difundido na Europa na segunda metade do século XIX, que pretendia despertar uma nova concepção de infância, chegando ao Brasil no final desse século.

No Brasil, a introdução do método ocorreu inicialmente por algumas escolas particulares, as quais o apresentavam como fator de qualidade e inovação do ensino. Mas foi no âmbito da instrução pública que ele ganhou popularidade do Estado, no final do século XIX. [...]. Por isso, é preciso ver nas lições de coisas mais que um simples método pedagógico e vê-lo como a condensação de algumas mudanças culturais (SOUZA, p. 162, 1998).

Essa metodologia consistia na valorização do sentido infantil em seu processo de aprendizagem, incorporando, por isso, as chamadas lições de coisas do cotidiano, por meio das quais os alunos eram estimulados a observar os fenômenos estudados, ou a representação destes por meio de imagens e entre outros recursos.

A professora de Cazusa nessa escola era Dona Nenén, por quem ele tinha muito carinho. Seu perfil pedagógico se baseia na cooperação mútua e flexibilidade; ela também tinha um jeito doce, mesmo quando chamava atenção dos alunos: “Não se distraia, menino, cuide de sua liçãozinha” (CORRÊA, p. 78, 2002). Diferente do professor da escola do povoado que dizia: “Não quero gritaria aqui! Vá-se acostumando a apanhar calado (CORRÊA, p. 45, 2022). A relação entre professor-aluno nessa nova escola era tranquila, sem brigas, sem gritos e sem palmatória.

A professora Neném que aprendeu a ensinar na capital, não usa de castigo físicos para com os seus alunos. Quando havia algum problema social na sala de aula, instruía os alunos por meio de fábulas para que pudessem entender o fundamento moral da realidade. Segundo Oliveira (2004) “estórias” inventadas com um cunho moral servem para apontar os perigos das faltas cometidas por alguém sem prejuízo algum à aprendizagem. Em síntese, a professora de Cazusa usa-se de prática e resposta inovadora, que é indispensável para o contexto escolar.

Na prática, o êxito qualitativo da escola integral depende substancialmente do professor, exigindo dele capacidade de resposta muito inovadora. É preciso entreter o aluno por horas seguidas, dentro de programação motivadora que inclui, para além de aulas e exercícios (DEMO, p. 106, 1993)

Nota-se aqui um ar de modernização escolar. A escola com estruturas mais ajeitadas, professores instruídos pedagogicamente e lições com recursos didáticos evidenciaram uma caracterização de civilização moderna se introduzindo no interior do Estado do Maranhão. Para Sousa (1998), a civilização é uma suavização das maneiras, da polidez, da civilidade e da difusão de novos costumes. Viriato Corrêa, nesses registros, exemplifica que a modernização no período republicano era o desafio para o progresso futuro, cenas para as novas gerações, e em particular aos traços escolares.



Mais adiante nos registros memoriais, há certa passagem em que há a valorização sócio-política da sociedade à instrução, como algo de transformação social. Em uma conversa com a diretora Dona Janoca, certo veterano da Guerra do Paraguai, recomendo-a que inculcasse nos alunos a repugnância pela guerra. “Professora, a semente é esta – a infância. Sem se cuidar da semente, não se tem bom fruto. Comece-se, pela criança, a ensinar o horror à guerra, que a guerra desaparecerá do mundo” (CORRÊA, p. 126, 2002). Como se percebe, existiam diferenças sociais claras entre as duas localidades em que Cazuza frequentou.

Conclui-se que há dissemelhança entre as duas escolas. Enquanto a escola do povoado valorizava a repetição, memorização e a passividade do aluno nos assuntos escolares, a escola da vila não permitia castigos físicos e nem opressões, preferindo a imaginação, propondo aos alunos que refletissem sobre seus atos e ações ao tomarem consciência moral. Dentre as crônicas de Viriato, em que a professora transmitiu aos seus alunos sobre a virtude e a ética, há a crônica “O sapato ferrado e a sandália de veludo”, a qual quis demonstrar aos estudantes que as riquezas materiais não nos tornam seres diferentes, mas devemos usá-la correntemente para o bem.

Quando Cazuza foi informado que iria ser levado para outra escola, agora na capital, em São Luís, sentiu muita alegria. “Creio que não houve, na minha meninice, novidade que me causasse maior contentamento. Senti tanta emoção, que as mãos me esfriaram e as pernas me tremeram” (CORRÊA, 2002). Como se percebe em toda a literatura, a felicidade do pequeno e livre Cazuza provinha do desejo da liberdade em possuir educação, pois enquanto a educação não é libertadora o sonho do oprimido é ser opressor (FREIRE, 2002).

Portanto, afirma-se que as crônicas em *Cazuza* estão interligadas à história da instrução no Estado do Maranhão.

Considerações finais

A análise da literatura em estudo, realizada à luz de documentos oficiais da época, está possibilitando identificar e socializar detalhes minuciosos do cotidiano da instrução primária maranhense e respectivas concepções sobre o ato de ensinar e de aprender nas primeiras décadas da república no Brasil.

Os resultados parciais já apearassem como relevantes à história da instrução primária maranhense. Até a conclusão desta pesquisa espera-se identificar nas crônicas memoriais, sinais das distinções pedagógicas entre a escola do povoado e escola da vila. Esta pesquisa está em desenvolvimento, ficando para posterior discussão sobre a escola da vila e sua características.



Referências

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CERTEAU, M. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CORRÊA, Viriato. *Cazuza*. 41 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Trad. Bernardo Leitão [et al]. 5 ed. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 2003.
- OLIVEIRA, R. S. *Do contexto histórico às ideias pedagógicas predominantes na escola normal maranhense e no processo de formação das normalistas na Primeira República*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Maranhão. São Luis-MA, 2004.
- OLIVEIRA, R. S. *A forma da escola primária maranhense 1889-1912*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal-RN, 2014.
- OLIVEIRA, R. S. *Congresso Pedagógico como prática educativa – São Luís, 1920*. In: STAMATTO, Maria Inês Sucupira. *Práticas educativas, formação e memória*. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2015.
- OLIVEIRA, R. S. *A revitalização pedagógica moderna na instrução pública primária maranhense em 1920*. In: DUARTE, Ana Lucia Cunha; ALBUQUERQUE, SEVERINO Vilar (Orgs.). *A multidimensionalidade em contextos educacionais*. São Luis-MA: Editora UEMA, 2016.
- MARANHÃO. *Regulamento da Instrução Pública do Maranhão. Para execução da Lei 56 de 15 de maio de 1893*. S. Luiz; Typ. Dos Frias, 1893